

O DISTRICTO DE AVEIRO



PUBLICA-SE A'S TERÇAS E SEXTAS FEIRAS.

Preços: (com estampilha)

Anno, 3,540 réis — Semestre, 1,570 réis — Trimestre, 935 réis.

Subscreve-se e vende-se unicamente no escriptorio da administração, rua Direita n.º 24. — Publicações de interesse particular, são pagas—Folha avulsa, 40 réis—Anúncios, 20 réis por linha—Correspondencia não franqueada, não será recebida — Artigos mandados a redacção, sejam ou não publicados, não serão restituídos.

Preços: (sem estampilha)

Anno, 3,500 réis — Semestre, 1,500 réis — Trimestre, 800 réis.

NUMERO 2

SEXTA FEIRA 5 DE JULHO DE 1861

PRIMEIRO ANNO

EXPEDIENTE.

A empresa deste jornal entendeu dever enviar os primeiros numeros delle a algumas pessoas, a quem não teve occasião de fazer apresentar os respectivos prospectos, e a essas pede igualmente a sua coadjuvação; considerando como assentimento o silencio ou a não devolução dos numeros recebidos.

Toda a correspondencia sobre objectos d'administração deve ser dirigida ao administrador do jornal João Mendes Esteves, a quem tambem devem ser dirigidas as recusas d'aquellas pessoas, que não quiserem ficar consideradas como assistentes.

AVEIRO

As sociedades não se regeneram com theorias vãs, e principios phantasticos; precisam de doutrinas sabias e prudentes, e sobretudo de exemplos salutaros de justiça, moralidade, e rectidão. Os que, renegando aquellas doutrinas, e não podendo, ou não querendo, empregar estes exemplos, fallam só á imaginação, e pela elevação do espirito aspiram a dominar o coração, se julgam poder melhorar por esses meios os máos instinctos do homem, illudem-se: a sua tarefa é ingrata, e o exito d'ella quasi sempre mais prejudicial do que util a humanidade.

No entretanto, ha uma eschola de philosophia que não mira outro alvo. Crem os seus afiliados que a illustração da intelligencia corrige todos os vicios naturaes. Não ha, segundo as suas doutrinas, imperfeição nem verruga social que não proceda da ignorancia nativa. Eduquem o homem, e tel-o-hão virtuoso, dizem elles. Aperfeiçoem a sua condicção moral, e elle corresponderá aos vossos desejos.

A philosophia tem muitas veses rasão, mas é necessario sempre desconfiar do artificio das suas palavras. São tão melodiosas, tão arditamente sublimes, que frequentemente, a imaginação as absorve, sem attender á substancia, e verdadeira significação d'ellas, impõe ao espirito, como verdades absolutas e incontestaveis, idéias que não passam ás vezes de frivolas chimeras, ou quando muito, como no caso presente, de theorias verdadeiras, sim, mas cuja applicação precisa de muita e reflectida discipção. Quem se deixa guiar por essas theorias sem as aquilatar pela razão, mal vae d'ordinario. Cabe aqui o apothegma do grande Frederico: se eu tivera um reino a punir dal-o-hia a governar aos philosophos.

Nas nossas sociedades politicas, para onde tem transplantado, infelizmente, os defeitos e os vicios que nas litterarias se condemnam e reprovam, insinuou-se por tal arte a ideia de que só o

cultivo da intelligencia pode moralisar o homem, que a maioria já a repete maquinalmente, e sem conceber mesmo a significação precisa d'ella. Os sabios do tempo disseram: é necessario instruir o povo. A multidão repetio em coro: é necessario instruir o povo.

Nós tambem dizemos, — e quem poderá negal-o? — que é necessario prodigalizar ao povo o pão do espirito (phraze do tempo); franquear com mão generosa os thezouros da instrução; para que, esclarecida a sua razão, o homem saiba comprehender os seus deveres e aprenda a conter as suas paixões. Demais, se de illustração careceu em algum tempo o homem, é principalmente agora, que elle é chamado, qualquer que seja a sua condicção social, a tomar parte em todas as questões, em todos os negocios, em todos os assumptos da vida publica do seu paiz. O cidadão, e quem diz cidadão diz homem livre, tem o rigoroso dever de instruir-se. Sem instrução, a liberdade é para elle uma formula inutil.

Mas bastará a instrução, como ella se entende geralmente, como ella lhe tem sido ministrada, — porque aqui é que vai a differença — para transformar a condicção moral do homem, e tornal-o digno dos beneficios da liberdade? Será essa instrução capaz de reformar as inclinações perversas, soffrer as paixões desordenadas, em uma palavra, de emendar, temperar e corrigir todos os vicios, todas as imperfeições, todas as fraquezas com que a natureza construiu as organizações defeituozas?

Ninguém deve acreditar-o. Os factos fallam bem alto. A philosophia não tem arte com que dissimule os exemplos que está apregoando o contrario. A moralidade nem sempre se origina da instrução. A sciencia, muitas vezes se desacompanha da virtude, e ha homens repletos d'uma, que deveriam invejar a outra nos homens rusticos e incultos, para quem fervorosamente pedem as luzes da instrução. Destas antinomias sociaes nasceu uma ideia tambem falsa, e que sendo o inverso da outra, topa com ella no mesmo erro; esta ideia é que a desmoralização anda a par da civilização.

A civilização concorre para a moralidade das nações. Isto é, em these, um principio incontestavel. Mas civilização aqui é tomada na mesma accepção errada em que acól se toma a palavra illustração. Uns e outros se enganam no valor dos termos. Uns e outros pretendem fazer consistir a felicidade e a moralisação da humanidade na multiplicidade de certos conhecimentos, e na diffusão de certos principios, que nada podem sobre o coração do homem. Este é o erro.

Por cuidam que um povo se civilisa e illustra, unicamente com theorias abstractas, racionais artificiosos, e philosophias transcendentas?

tudo o que se lhe offerece aos olhos, bello, illustre, e grandioso. Eram estes viajantes o conde José d'Estourmel, e Mrs. de Gontaut, seus sobrinhos. O primeiro chegava á idade em que a imaginação, ainda em toda a sua força, se volta com involuntaria melancolia para a impressão do passado, na qual o thesouro principal da vida se acha depositado. Qual de entre nós não encontra na Grecia recordações pessoas, ligadas por uma serie de harmonias aos sonhos, projectos e generosas illusões da juventude? A carreira administrativa cujos superiores grãos Mr. d'Estourmel percorrerá da maneira mais honrosa no tempo da restauração fechara-se para elle, depois da rapida transformação das instituições nacionaes; porém o seu espirito, habituado aos esforços regulares do trabalho, buscava na sincera exploração dos paizes para onde voára a alma litteraria e religiosa da civilização europea um emprego para a sua actividade. Queria rematar com pinturas brilhantes e veneraveis a variada galeria de suas aquisições intellectuaes.

Mrs. de Gontaut, achando-se na primavera de seus dias, calculavam com prazer não fingido o pó impregnado de immortalidade, e a costa que a reflexão faz parecer velha como a historia, mas que os olhos acham tão nova como a ficção. A curiosidade propria de tal idade precedia o rico alimento que lhe offereciam estas terras, santas por tantos titulos, que marca os limites do Parnaso e do Sinai. Era grato o achar tantas esperanças desenvolvidas no solo aonde estamos habituados a ver collocados o throno do passado. Visitamos juntos os monumentos destruidos da cidade de Minerva, e os humildes começos do renascimento que a capital dos gregos libertados mostrava aos viajantes. Mr. d'Estourmel consignou

Pois julgam que pode dizer-se illustrado o homem a quem ensinaram um certo numero de theoremas, que sabe de cor uns poucos de aphorismos banacos, e que possui a intelligencia de alguns factos que escapam á penetração do vulgo? Deploravel illusão! A instrução, e a civilização são, no nosso entender, cousas muito differentes.

As nações civilisam-se e illustram-se pela lição dos principios moraes que existem nos codigos de todas as religiões e de todos as philosophias, applicada a esclarecer e explorar outros iguaes principios que a natureza implantou no coração de todos os homens; moralisam-se com os exemplos, que justificam na pratica o que a theoria ensina, e que servem de fazer fructificar o resultado da reflexão e do estudo. Quando a civilização tem só em vista polir o espirito, favorecer a imaginação, alargar os dominios da intelligencia, a alma fica nua, desprotegida e exposta a todas as paixões, então enobrecidas soberbas e poderosas como nunca.

A verdadeira sciencia não é a que toca com a cabeça nas nuvens; essa pode dar relevo, importancia social, fama immorredoura, mas não virtude nem moralidade, nem civilização. Supponamos que a essa sciencia se referia Rousseau quando quiz provar a inutilidade della. Quem a tem, é muitas vezes o menos civilizado. Pode figuradamente applicar-se-lhe a parábola dos sepulchros branqueados que Christo dirigiu aos phariseus. São homens de sumptuosas apparencias, muitas vezes de asquerosos e repugnantes interiores.

Os nossos homens publicos sabem isto? No entretanto que fazem elles, que pensam, e que legizam? Que instrução pretendem e querem dar ao povo? Como intentam justificar o grandioso rotulo da civilização?

Abriendo escholas de instrucção primaria, decretando atheneus, dotando academias? Isso não basta. É preciso que elles o comprehendam. De todos os beneficios que uma nação pode receber o da instrução, que na verdadeira accepção é tambem moralidade e virtude, é o maior. É este o beneficio, muito superior a todos os melhoramentos materiaes, que a epocha reclama a grandes brados, mas que é necessario distribuir com tanta mais discipção quanta é a importancia e supremacia d'elle sobre todos os outros. Instruir os homens, pode ser uma conveniencia politica; mas instrui-los, moralisando-os, é uma necessidade politica, social, religiosa, — de todos os tempos, de todos os povos e de todas as instituições.

A. P.

A obra da barra é o mais importante melhoramento do districto.

Erradamente se pensa que ella só aproveita

n'algumas paginas bem pensadas e bem escriptas as impressões que o estudo que fizera da cidade de Athenas gravara na sua memoria. Acha-se nellas descripção methodica, clara e de modo algum carregada, de cada um dos vestigios da antiguidade. Abunda em particularidades porque no solo privilegiado, cujos echos repercutem ainda os choros de Sophocles, não ha uma só pedra que não tenha nome, concerto, e poesia. Nestas paginas, tão cheias nada achará que riscar a critica mais severa.

Alguns dias depois aportamos a Rhodes. encantados de ahi outra vez encontrar o observador entusiasmado e prasenteiro, grego na instrução, e francez no character. Recordações de mais intima natureza hiam no berço da cavallaria procurar novas commoções, e lançar uma ponte luminosa no abysmo dos seculos e de acontecimentos que separa a antiga Hellada, da França contemporanea. O capacete do cruzado é excellenter intermedio entre a corôa do sacrificador, e o chapéo do peregrino moderno. Infelizmente os ventos contrarios retardaram por tres dias a chegada de Mr. de Estourmel. Vem elle a Rhodes no dia immediato á nossa partida, e ahi se entregou com a melhor vontade ás investigações que os titulos de familia, encontrados nos archivos de pedra que a indolente magnanidade dos turcos conservou intactos, amplamente compensaram. Em Rhodes escreviam-se os titulos, com sangue e a gloria é que lhes punha o sello. A passagem que diz respeito a tão heroico abrigo dos hospitaleiros de São João de Jerusalém é uma das mais notaveis do primeiro volume pela sua clareza.

Á idade media, diz elle, conservou-se em Rhodes com o apparato bellico com as suas torres e ameias, ogivas, e brasões. Ha na nossa pa-

a Aveiro. Aproveita a todos! aproveita a esta cidade, aproveita ao districto, e aproveita ao paiz.

De pouco nos servirá a nós, a via ferrea se ella não levar mercadorias importadas, e ahi ficará quasi sem prestimo a estrada de Mogofores se não nos trouxer para exportação os vinhos da Bairrada, quando á Providencia aprouver livrar este paiz vinhateiro do oídium, que tão funesto lhe tem sido. Feita a projectada estrada entre Aveiro e Vizeu, e dando a barra facil entrada e sahida ás embarcações o abastecimento da Beira ha de ser feito por Aveiro com facilidade e vantajem.

Para as barras da Figueira e Vianna tem o governo dado sommas importantes; para a de Aveiro tem regateado as dotações.

Não censuramos aquellas larguezas, aprovamos-as porque desejamos todos os melhoramentos, e queremos-os para todos, mas desejamos e pedimos a mesma consideração.

As obras da barra de Aveiro tem sido consideradas districtaes, quando ellas o são tanto como aquellas. Tem-se esquecido que ha muitos annos pagamos um imposto especial que monta a centos de contos de réis, e nem talvez se saiba que deste imposto tem sido distrahida uma grande parte para melhoramentos de localidades inteiramente estranhas a este districto.

Se a memoria nos é fiel, só para a estrada de Rio Maior nos levaram 12:000\$000 réis.

Restituindo-nos o que nos tem tirado, teriamos o bastante para o acabamento das obras mais importantes e custozas da barra.

Já se vê que não pedimos favor, pedindo que nos não faltem com o necessario para ir continuando os melhoramentos que se tem por indispensaveis.

A quadra é a mais propria para obras desta natureza; é agora que ellas custam menos e aproveitam mais.

O engenheiro director tem recursos, desejos, e actividade, para acudir com a sua presença e com as suas instruções aos differentes trabalhos de que está incumbido.

Fornecam-lhe meios e respondemos, que por culpa delle não diminuirão os trabalhos na barra.

Não largaremos este importantissimo assumpto; repetiremos o nosso pedido muitas e muitas vezes; se não formos attendidos ficaremos com a consciencia de ter cumprido o nosso dever.

Agora chamaremos a attenção do governo sobre um outro ponto que tem stricta relação com o que temos tratado neste artigo.

Pelo art.º 4.º da lei de 9 de setembro de 1858 é mandada crear uma junta administrativa e fiscal das obras da barra; e são-lhe commetidas importantes funcções.

Está junta tem prestado bons serviços e mui-

tria alguns edificios deste genero; porém, uma cidade inteira era espectaculo completamente novo para mim. O porto, onde desembarcámos, está guarnecido de caes, em grande parte arruinados, e de extensas muralhas guarnecidas de canhoneiras. Uma bella torre quadrada, ameada, e flanqueada no cume, se ergue sobranceira ás outras fortificações. Na occasião do cerco chamava-se torre de São Nicoláo, e foi vigorosamente defendida por uma ameia. Passando as portas atravessou-se grande numero de casas construidas de pedra, com janelinhas, portas baixas e abobadas com passeios ligeados, que deixam apenas entre si uma estreita via. Algumas ruas mais regulares formam o bairro nobre denominado de São Germano de Rhodes. Uma dellas a mais direita e larga conservou o titulo de rua dos Cavalleiros, e atravessa a cidade, indo dar, de um lado, á mesquita, junto á porta de ferro, do outro ao antigo templo de São João. As casas que os guarnecem são taes quaes eram no fim do seculo XV, cuja data a maior parte dellas tem. Somente se accecentaram ás janellas algumas varandas fechadas para afastar a claridade, e obstar a que seja devassado o interior. Nas fachadas ha ameias, torres pequenas e goteiras de pedra salientes. Longos cabos gravados marcam a separação dos andares. Na architectura conservam-se nomes que hoje nada significam. Que quer dizer os nossos edificios modernos uma *janella guarnecida com um cordão*? Quer dizer uns poucos de vidros, e molduras cercando-os. Porém, os antigos caixilhos figuravam exactamente uma cruz como o seu nome indica. A sua forma foi adoptada na época das cruzadas; e o que então se chamava um cordão é o cabo que se vê hoje nos caixilhos.

(Continua)

FOLHETIM

VIAGEM AO ORIENTE,

Por Mr. d'Estourmel.

Num dia do anno de 1833 navegava eu pela briza fresca da manhã no tormentoso e estreito canal que separa a ilha de Hydra da terra firme do Pelonoposo. Ficavam-me á esquerda as verdejantes montanhas denominadas jardins, por que seus flancos e pés estão assombrados de alguns cloendros e romanzeiras; á direita a ilha, ou antes o rochedo de Hydra, cujas casas, por assim dizer, entalhadas no rochedo dão á cidade a simillhança da concha de uma grande tartaruga, que dorme no mar. O nosso navio, ainda que grande e solidamente construido, rangia sob o peso dos mastros e embate dos vagalhãos que lhe batiam na pópa, arremeçando sobre a coberta grossos jactos de espuma salgada. Chegámos em poucas horas á entrada do profundo golpho de Athenas. Os tres mares encontram-se n'uma foz de dez ou doze legoas de largura. O embate das ondas oppostas que ahi se levantavam produzia um rumor medonho. Guarneciam a superficie das ondas longas cristas de escuma. De repente uma pequena embarcação rasgando a vagas com incrível presteza através de tão magnifico cahos, nos appareceu entre colinas de ondas, cuja movel profundidade cortava. Tocou quasi ao mesmo tempo que nós na desejada praia classica. Vimos della descer tres viajantes, cuja phisionomia viva e animada expressava o interesse vivo cordial que os filhos da França, quando se comprovam, feis ao character que sua mãe lhes imprimiu tomam por

to pode concorrer para o bom e regular andamento das obras da barra. Mas ha muito que ella não funciona. Um dos seus vogaes o sr. Manoel Firmino, elleito deputado por Agueda foi occupar a sua cadeira no parlamento: outro o sr. Mendes Leite julgando-se desortemente tratado pelo sr. governador civil em uma reunião da sociedade agricola, a que s. ex.^a presidia, fez-lhe saber que não concorreria mais a reuniões cujos debates tivessem de ser dirigidos por s. ex.^a

Não discutimos se o sr. Mendes Leite teve razão para extranhar o procedimento não provocado do sr. Governador civil. Sentimos que ao seu ressentimento não antepozesse o bem do serviço.

O facto é que a junta não funciona e que dahi pode vir prejuizo ás obras da barra. Não ha quem fiscalise, não ha quem faça cumprir as amidadas requisições; e esta falta hade por força trazer embaraços que convem remediar.

Não sabemos como o sr. governador civil tem providenciado, nem como o sr. ministro das obras publicas, que de certo foi devida e opportunamente informado do occorrido, decidirá, mas pedimos que se providencie de prompto.

Ou devolva ao engenheiro director a fiscalização das obras da barra ou mande elleger nova junta administrativa. Faça o que melhor for, e faça-o breve.

O estabelecimento dos novos pesos, continua a ser causa de descontentamento entre os commerciantes de todas as povoações. O espirito publico está dezagradavelmente impressionado pela novidade desta alteração, que desarranja os habitos estabelecidos do commercio, sobre tudo do commercio de retalho.

Em Lisboa, segundo dizem hoje os jornaes, a agitação é extraordinaria. Parece que já se espalhou o boato de que ia dar lugar a uma sedição popular; e que alguns padeiros e negociantes se tinham já recusado a vender pelos novos pesos, estando determinados a fechar as suas lojas antes que usarem d'elles.

Dizem mais os jornaes que o governo para evitar as complicações que d'aqui poderiam resultar, mandou prevenir pelos cabos de policia todos os negociantes e donos de lojas de padaria, de que podiam continuar a vender pelos pesos do antigo systema.

De tudo isto o que mais extranhámos é o procedimento do governo, não o por decretar a medida, que mais tarde ou mais cedo teria de ser levada a effeito, mas pela precipitação e inconveniencia com que tem andado neste negocio, que pode ainda ter tristes resultados.

Podia ser já, ou ser mais tarde que se pozesse em pratica esta parte do systema metrico, mas uma vez promulgada parece-nos que não havia senão dois meios de obviar aos inconvenientes resultantes della: ou adiar publica e francamente o prazo fatal para a adopção dos novos pesos; ou ser pouco rigoroso nestes primeiros tempos na execução da lei, até deixar que o povo se vá successivamente habituando á terminalogia, e ao uso do que presentemente lhe causa tanta confusão e embaraço.

Os avisos particulares pensamos que são o peor de todos os expedientes. A não ser boato adrede propalado por alguns agitadores ardilozos, isto será apenas mais um meio de augmentar a agitação, a estranheza, e a confusão entre compradores e vendedores.

Em todo caso, se o mal não tem remedio, se o governo não quer adiar o prazo, é de necessidade obstar a conflictos, remittindo os indiscretos zelos, e inconvenientes rigores dos respectivos empregados; e aprender-se daqui o que se deve fazer com relação á parte do systema metrico que se refere ás medidas de capacidade.

Não deem ao povo mais motivos de desgosto. Não o incitem á rebellião, nem consintam que os intrigantes abusem da sua boa fé. Nós precisamos mais do que tudo de socego, sem o que ficarão inutilizados todos os nossos esforços dos últimos dez annos.

Os jornaes do Porto do correio de hontem publicaram a seguinte noticia:

«Hontem ás 6 horas da tarde entraram na villa de Mirandella mais de 80 homens armados: foram repellidos por quasi todos os habitantes: houve ferimentos mortaes. Prenderam-se alguns dos aggressores, e cercaram-se as casas onde outros se tinham escondido. Havia grande exaltação.»

Não sabemos ainda o fim deste acontecimento, nem podemos avertir o que lhe daría lugar. Os jornaes do correio de hoje nada adeantam.

TRABALHOS PARLAMENTARES

Na sessão da camara dos dignos pares de 25 de junho ultimo, começou o debate pela pergunta que o sr. conde Thomar dirigiu ao sr. presidente do conselho, a qual é: — se quando s. ex.^a publicou o decreto que extinguiu a congregação das irmãs da caridade, não julgou que fosse uma usurpação das attribuições legislativas. Que na sua opinião o decreto contravenia a expressa disposição da lei de 14 de abril de 1819, — e que lhe parece que o governo não podia estar autorizado a dissolver esta corporação por mero acto de poder executivo, sem recorrer ao poder legislativo.

Respondeu o sr. presidente, que o decreto com força de lei de 14 de abril foi derogado pelo de 9 de agosto de 1833, que tambem tem força de lei, e que prohibe a existencia no reino

de congregações religiosas que reconheçam a autoridade de prelados maiores, e por isso não fez mais do que pôr em execução este decreto de 1833.

Tomou novamente a palavra o sr. conde de Thomar, e depois outros oradores fallaram pro e contra o decreto de 22 de junho, chegando-se a discutir conjunctamente a questão da competencia dos poderes publicos naquella acto com a existencia legal das irmãs da caridade.

Como fossem 6 horas da tarde, ficou este mesmo assumpto para ordem do dia da sessão immediata.

Na sessão de 28 de junho da camara dos srs. deputados tratou-se da busca, que por parte da policia de Lisboa foi dada á imprensa universal por suspeita de que nella se imprimiam as proclamações, que denominaram incendiarias.

Rompeu o debate o sr. Affonseca, censurando o governo por aquelle facto tão manifestamente attentatorio das leis de liberdade d'imprensa.

O sr. Avila começou a sua resposta pelas palavras — nada do que o illustre deputado disse é exacto; mas não provou que não existia o facto incriminado; pelo contrario contou-o com promenores, limitando-se a dizer que a entrada na officina não tinha sido feita violentamente, nem tinha havido revista nas algibeiras dos operarios, como o sr. Affonseca tinha dito, e depois confirmou.

Fallou depois o sr. Antonio de Serpa e stigmatizou o sr. Avila por querer fundamentar a legalidade da busca pondo esta no mesmo plano que as dadas por suspeita de crime de moeda falsa.

Fez ver os inconvenientes a que levava a permissão de se dar busca e examinar os manuscritos d'uma imprensa, quando uma auctoridade administrativa quizesse, — censurou muito que alguns despachos telegraphicos particulares antes de transmitidos fossem á censura do sr. ministro da fazenda, chegando este a apontar n'elles a lapis os termos em que devem ser concebidos, pelo que um não pôde ser transmitido no dia, em que isto se passou, sendo-o outros d'igual assumpto, mas mais favoraveis ao governo; — insistiu na illegalidade da busca e terminou por propor que o governo fosse convidado a mandar á camara os esclarecimentos respectivos aquella diligencia.

Seguiram-se-lhe os srs. ministros da fazenda e obras publicas, que quizeram fazer ver que tinham obrado legalmente na censura dos despachos, e o primeiro que não receia o veredictum que a camara tem de dar á vista dos documentos pedidos pelo sr. Antonio de Serpa.

Teve a palavra depois o sr. Luciano de Castro, querendo fazer ver que a busca não fóra dada á imprensa séria e grave, mas aos folhetarios anonymos, e que assim se devia isto entender.

Seguiu-se-lhe o sr. Antonio de Serpa, que refutou a distincção que o sr. Luciano de Castro apresentou; porquanto na busca arrombaram gavetas, e revistaram o archivo d'uma imprensa que publica um jornal, a titulo de procurar proclamações e impressos anonymos.

Seguiu-se-lhe o sr. Jozé Estevão, que n'um bem elaborado discurso referindo-se primeiramente á apresentação da representação, desfez a principal razão apresentada contra a importancia della pelo sr. Sá Nogueira, que sustentou que não tendo sido aquella representação assignada pelos deputados da capital, não podia ser considerada como do povo. Fez ver o sr. Jozé Estevão, que se isso assim fosse, qualquer representação em que entrasse o nome do deputado elleito pelos representantes, não podia ser admittida.

Quanto á questão da busca da imprensa, disse que quando ella teve lugar, quem procedeu a ella e quem a promoveu já sabia que nenhum resultado obteria, por isso que os typos não estariam em chapa; — os manuscritos desapareceriam, e as provas teriam sido queimadas, porque a busca teve lugar quinze dias depois da publicação das proclamações.

Censurou o governo pelo facto da busca, lamentando todavia a causa que a motivou.

Tiveram ainda a palavra os srs. Carlos Bento e Luciano de Castro, e a requerimento do sr. Manoel Firmino se deu a questão por sufficientemente discutida.

DOTAÇÃO PAROCHIAL

Damos em seguida a publicação, do relatório que precede o projecto sobre a dotação parochial do sr. Martens Ferrão.

É um documento importante, não só em relação ao fim a que tende, como pelos conhecimentos historicos que encerra.

Senhores. — Nos paizes em que o culto catholico é não só a religião dominante, mas tambem a unica reconhecida pela lei como religião do estado, a dotação do clero e a sustentação do culto são pontos de summa importancia na administração que reclamam a mais séria e esclarecida attenção dos poderes publicos.

Dotação pelas oblatas dos fieis, por bens proprios, e a expensas do estado são as tres fórmulas que a sustentação do culto e a dotação do clero têm tomado nas differentes epochas da historia da igreja.

Nos primeiros seculos do christianismo, em que as comunidades christãs, consideradas como reuniões illicitas, não era reconhecido o direito de adquirir bens, os unicos rendimentos da igreja consistiam nas oblações voluntarias dos fieis com o fim de satisfazer as depezas do sacrificio, alluniar os subterraneos, que foram os seus primeiros santuarios, e sustentar os pobres da

comunidade. Essas esmolas, depositadas no altar para o sacrificio, entregues ao bispo, lançadas na caixa da igreja (*corbona*), ou offerecidas na occasião dos actos religiosos, constituíam a unica dotação da comunidade catholica. As primicias dos fructos da terra e os primeiros nascidos dos animaes foram offertas que, recebidas dos usos e costumes da antiga lei, continuaram por muito tempo a ser postas em pratica pelos christãos dos primeiros seculos.

Daquellas oblatas algumas atravessaram até á epocha actual debaixo de varias fórmulas. As oblações dos fructos feitas durante o sacrificio converteram-se pouco a pouco em esmolam de dinheiro. Em vez de offertas feitas por occasião da administração de sacramentos, foram estabelecidos os direitos chamados de estola, e as oblatas em genero ainda hoje se encontram no nosso paiz em algumas das povoações agricolas.

Achava-se ainda a comunidade christã debaixo da espada dos tyrannos, e já sustentava os pobres, os orphãos e as viuvias; comprava as sepulturas, e fazia a despeza dos *agapes*, devido tudo ao fervor dos primeiros christãos, que d'esta fórma iam constituindo o patrimonio da igreja então nascente. A accumulção das offertas foi a primeira base da propriedade ecclesiastica, que progressivamente augmentou até chegar a assumir as vastas proporções que mais tarde produziram graves contestações com o poder civil, e deram á igreja uma influencia notavel no estado e no desenvolvimento da economia publica. Quando o imperador Licinio, de accordo com o imperador Constantino, promulgou o edicto de 312, concedendo a liberdade religiosa aos christãos, ordenou já então que se lhes restituíssem os bens tirados ás suas comunidades. Pouco tempo depois Constantino reconhecia legalmente aquelle dominio já existente de facto, e transferia para o *Deus unico e verdadeiro* o privilegio, em virtude do qual os deuses pagãos tinham o direito de herdarem.

Dado este passo em favor da igreja, a facultade de possuir bens adquiriu desde logo um largo desenvolvimento. Quando o dominio do solo representando o poder mais forte era uma condição indispensavel para a vida livre, a sociedade ecclesiastica nas suas relações temporaes, não podendo contrariar as tendencias da epocha, que atravessava, revestia os seus habitos, uniformisava-se com as suas instituições e partilhava por isso os seus defeitos. Era o predomínio de uma mesma idéa que assimilhava todos os elementos sociaes.

A divisão dos rendimentos ecclesiasticos observada com zelo durante os seculos IV e V, destinando-se uma porção para o bispo, outra para o clero consagrado ao serviço das igrejas, a terceira para os pobres da parochia, a quarta para a sustentação do culto, soffreu muito mais tarde, no seculo IX, graves alterações, e da antiga divisão apenas o nome passou para as epochas mais modernas. Uma das partes mais importantes dos dizimos foi de facto destinada a outras applicações; foi abolida a porção formal dos pobres e o seu encargo passou em parte para as comunidades religiosas, que por esta fórma obtiveram na partilha dos dizimos uma porção não pequena. Foi d'essas alterações que nasceu a nova divisão dos bens das igrejas em duas massas, que ainda hoje subsiste: a dos beneficios, e a das fabricas.

Estas alterações em parte nascidas da quebra da disciplina, e em parte provocadas pela successão das fórmulas por que a sociedade passava, concorreram para a grande centralisação da propriedade ecclesiastica, para o desvio do seu fim primitivo, e por isso para os abusos que dahi se seguiram e que atravessaram seculos.

Na epocha da dominação barbara nenhum dos systemas, em que depois foi partilhada a civilização europea, tinha tido o predomínio; era o cahos de todos os elementos, a infancia de todos os systemas; uma confusão universal, onde a luta não foi nem regular nem permanente nem systematica; foi do seio d'aquella massa confusa que saíram gradualmente os systemas, que mais tarde predominaram na ordem politica da Europa.

Dois grandes elementos partilharam então a civilização europea — o elemento barbara, ou a força heroica revestida de toda a energia que lhe dera o poder da conquista; e o elemento romano apoiado na longa pratica de seculos, e nas profundas raizes que havia creado entre os povos. N'esta conjuntura a necessidade de harmonisar aquelles dois principios preparou o predomínio do elemento religioso, e fez com que elle chegasse a elevar-se á maior importancia na ordem politica.

A preponderancia politica andava ligada com a importancia da propriedade; e dahi resultou que a sociedade ecclesiastica levada pela mesma idéa, que a ambição de alguns homens veio ainda exagerar, aceitou e promoveu o augmento da sua propriedade. A igreja, atravessando a epocha do feudalismo, tinha recebido a influencia d'elle. Os possuidores de terrenos, levados umas vezes pelo espirito da epocha, e outras pela necessidade da protecção que, mais de que em alguma outra força social, encontravam na reunião da força material e moral da sociedade ecclesiastica, abandonavam frequentemente os seus bens ás igrejas, umas vezes com o encargo de receber os doadores, constituindo assim feudos de devoção, outras partilhando com ellas o dominio dos bens, e reservando para si apenas o usufructo quasi emphyteutico, sujeito ao pagamento de uma prestação annual. Foi esta a origem entre nós das chamadas *incommunitas*, *incommunições* ou *incommuniados*. Outras vezes vinham implorar o socorro dos *vidames*, collocando-se debaixo da protecção ecclesiastica; e se o vassallo voluntario morria sem deixar filhos varões, a igreja succedia nos feudos por esta fórma

constituídos. Pequenos proprietarios tambem conferiam os seus bens ás igrejas a titulo de doação, com a condição de obter o usufructo de uma maior porção de terra durante a sua vida.

(Continua)

PARTE OFFICIAL

SYNOPSIS DA PARTE OFFICIAL DO DIARIO DE LISBOA N.º 143 DE 1 DE JULHO.

MINISTERIO DOS NEGOCIOS DO REINO.

Circular da direcção geral de instrucção publica ao commissario dos estudos do districto de Aveiro recommendando a fiel observancia da portaria de 12 de junho, resolvendo que os estabelecimentos d'ensino sustentados por associações religiosas ou seculares, sejam considerados como particulares para os effeitos da habilitação e inspecção marcados pelo decreto de 20 de setembro de 1844; — Despachos nomeando o doutor Joaquim Maria Rodrigues de Brito para lente cathedra da universidade, e provendo diversas cadeiras de instrucção primaria.

MINISTERIO DA JUSTIÇA E ECCLESIASTICOS

Portaria mandando abrir concurso para o provimento de quatro cadeiras capitulares para a sé d'Angra.

MINISTERIO DA FAZENDA

Relação de foreiros que pediram a remissão de foros á fazenda nacional.

MINISTERIO DA GUERRA

Avizo do requerimento que faz a mãe do soldado de infantaria n.º 11, Alexandre Martins, para que se lhe paguem os soldos em divida ao mencionado Martins, a fim de que havendo quem tenha direito a impugnar-l'ha, o venha produzir dentro de 60 dias.

MINISTERIO DAS OBRAS PUBLICAS, COMMERCIO E INDUSTRIA.

Mappas e outros dados estatisticos.

Portaria mandando abrir novo concurso para a construcção do lanço d'estrada comprehendido entre Assamassa e Venda de Galises, na estrada de Celorico á Ponte da Morcella.

Dita da repartição de minas convocando os que possam ter que oppôr á concessão d'uma mina de cobre na herdade da Mostardeira, districto d'Evora.

MINISTERIO DA MARINHA E ULTRAMAR.

Relação dos officiaes do exercito da India promovidos por decreto de 18 de junho.

IDEM DO DIARIO DE LISBOA N.º 144 DE 2 DE JULHO

MINISTERIO DA FAZENDA

Carta de lei authorisando o governo a repetir a publicação da carta de lei de 4 de abril ultimo relativa aos bens das igrejas e corporações religiosas, com exclusão dos §§ 3.º 4.º 5.º 6.º 7.º e 8.º do artigo 1.º, que serão eliminados e cancellados no authographo á sancção real.

— Carta de lei, a que se refere o antecedente, estabelecendo os termos em que deve proceder-se á desamortisação dos bens ecclesiasticos.

TRIBUNAES

Relação do Porto.

Autos distribuidos na sessão de 1 de Julho.

Appellações civeis.

Moncorvo. — O bacharel Jeronymo José de Meirelles Guerra, e mulher, contra Victoria Roza Soares; juiz Cazado, escrivão Albuquerque.

Nellas. — Joaquim Paes de Brito Amaral, e outro, contra Jozé Dias, viuvo, e outro; juiz Barboza, escrivão Bandeira.

Guarda. — Maria do Rozario, viuva, contra Jozé Dias Fernandes da Cruz; juiz Castro, escrivão Cabral.

Moimenta da Beira. — Jozé Paschoal, contra Bernardo dos Santos, e mulher; juiz Gama, escrivão Silva Pereira.

Cêa. — Henrique de Couto d'Almeida, contra Francisco Mendes; juiz Oliveira, por seu impedimento Lima, escrivão Albuquerque.

Barcellos. — Joaquim Antonio de Faria Lopes, contra a viuva e filhos de Antonio de Faria Lopes; juiz Silveira Pinto, por seu impedimento Seabra, escrivão Bandeira.

Marco de Canavezes. — Eduardo Afonso de Souza Lobo Girão, contra D. Antonia Arsenia de Vasconcellos; juiz Leite, escrivão Cabral.

Povoia de Lanhoso. — Jozé Maria Fernandes, contra Antonio Jozé Fernandes Cardozo; juiz Lima, escrivão Albuquerque.

Braga. — D. Francisca Rachel Jorge da Rocha, no inventario de José Bernardo Rocha; juiz Lopes Branco, por seu impedimento Macedo, escrivão Silva Pereira.

Porto. — Rita Clara de Faria, no inventario de Anna Clara de Faria; juiz Seabra, escrivão Albuquerque.

Condeixa. — O ministerio publico contra Jozé Gomes; juiz Barboza, escrivão Silva Pereira. Arcos. — O ministerio publico contra o juiz

de direito dos Arcos; juiz Castro, escrivão Albuquerque.

Fafe. — O ministerio publico contra o juiz de direito de Fafe; juiz Gama, escrivão Bandeira.

Para o julgamento de 8 de julho.

Appellações crimes.

Ponte do Lima. — O ministerio publico contra Francisco Manoel Gonçalves Rego.

Miranda do Douro. — O ministerio publico contra Miguel Jeronymo dos Reis.

Celorigo de Basto. — Joze da Motta contra o ministerio publico.

Coimbra. — O ministerio publico contra Luiz Carneiro.

Aggravos.

Parades. — Justino Ferreira Pinto Basto, e outros, contra o ministerio publico.

Villa do Conde. — O ministerio publico contra Bernardo Gomes de Souza.

Foscoã. — Paulo Augusto, e outros, contra o ministerio publico.

Louzã. — Manoel Joze de Figueiredo, contra o ministerio publico.

Villa Verde. — Custodio Joze Carneiro de Aguiar, e o ministerio publico, contra o juiz de direito de Villa Verde.

Baião. — O padre Joze Valente de Queiroz Monteiro e Vasconcellos contra o ministerio publico.

CORREIO

LISBOA 3 DE JULHO.

(Do nosso correspondente.)

Continua e continuará na camara hereditaria a discussão do decreto de 22 do mez passado, que dissolve a congregação das irmãs da charidade. Vae tornando-se bastante fatigante uma tal discussão.

Na camara electiva approvou-se o projecto contendo as alterações da lei do sello, mas ficou ainda dependente da commissão em alguns additamentos, que se fizeram.

Hontem encetou-se a resposta ao discurso da coroa. Abrio o debate o sr. Ferrer, o qual interpeleou o governo á cerca das suas intenções com relação ao mesmo decreto de 22 de junho. O sr. Ferrer perguntando se ficavam dissolvidas as irmãs portuguezas, as quaes já o estavam, ou as irmãs francezas com as quaes se fundiram as portuguezas, obteve do sr. ministro da justiça a repetição textual da phrase do decreto. O sr. Ferrer retirou a substituição que havia apresentado na commissão da resposta da coroa, e deu-se por plenamente satisfeito.

Seguiu-se-lhe o sr. Fontes, que condemnou as hesitações do governo em debellar a reacção clerical, fazendo mais algumas considerações sobre a falta da iniciativa em todos os ramos d'administração publica.

Redarguiu o sr. Avila querendo desculpar o governo com as difficuldades inherentes á solução completa deste assumpto.

O debate continuou, tendo a palavra por parte da opposição os srs. Serpa, Martens Ferrão, F. S. Gomes, e José Estevão.

Falleceu antehontem o sr. Jozé Joaquim Pereira de Souza, e instituiu por seu herdeiro o sr. Bartholomeu dos Martyres Dias e Souza, que ficou sendo por esta instituição o mais rico proprietario de predios urbanos nesta capital, e grande capitalista. Calcula-se a herança em mais de 2 milhões de cruzados.

Foram expropriados os cazebres proximos á muralha do passeio de S. Pedro d'Alcantara, pertencentes ao C. de Lumiar, havendo esperança de desaffrontar aquelle logar de tão velhos e nojentos pardieiros.

Consta-nos que ha transacções pendentes sobre o trespasso do caminho de ferro do Barreiro ás Vendas, á companhia ingleza que está continuando a via ferrea d'este ultimo ponto a Evora e Beja.

Hontem chegou aqui M. Rochefaucald, novo secretario da legação franceza. E' herdeiro e representante do celebre escriptor do mesmo titulo.

Espera-se amanhã o principe Najoleão. Dizem-nos que estão preparados aposentos no paço para o receber, apesar de que ainda ha quem affirme que elle não virá.

Por hoje nada mais.

O *Diario Mercantil* de 4 publicou o seguinte despacho telegraphico:

«O general Maldonado será o governador civil interino de Lisboa.

Um despacho de Turin, de hontem 3, diz que Ricassoli declarára no parlamento que a Italia a armar-se, será para tornar efectiva a unidade italiana, occupando Roma, e o Veneto, e que protestava contra qualquer ideia decessão de territorio.

Mon chegou hontem a Madrid, vindo de Roma.

Os insurgentes de Granada propozeram entregar-se, com tanto que fossem garantidas as vidas dos seus chefes.

O governo porem parece que usará de todo o rigor das leis.»

NOTICIARIO

Philantropia. — Os empreiteiros do caminho de ferro de Coimbra ao Porto fizeram cons-

tar nos diferentes partidos d'obras, que todo o operario, a quem no tempo do trabalho, succedesse algum sinistro, continuaria a perceber o seu salario, em quanto durasse o impedimento; assim como que lhe seriam facultados os respectivos medicamentos.

Caminhos de ferro. — Temi nós ultimos dias desembarcado no caes d'alfandega d'esta cidade uma grande porção das peças de que hade ser formada uma das pontes do caminho de ferro comprehendida n'uma secção proxima á esta cidade. Ainda se não sabe para que ponte são destinadas, o que nos consta apenas e com certeza é que são para aqui mandadas pelo emprezario o sr. Salamanca para aquelle fim.

Não podemos deixar de manifestar o nosso contentamento ao ver todos os dias dar-se factos que cada vez mais nos convencem de que não tardará muito tempo que não vejamos realizados os ardentes desejos que temos de nos ver em rapida communicação com as duas principaes cidades do nosso paiz.

Festividade religiosa. — Hade ter lugar no domingo 7 do corrente na parochial igreja de Nossa Senhora da Gloria desta cidade a funcção de *Corpus Christi* d'aquella freguezia.

São oradores os srs. padres Goes e Pacheco Ferrão.

Eleição. — Teve lugar ant'hontem na igreja da Misericordia d'esta cidade a eleição do provedor e mesarios que tem de administrar aquelle pio estabelecimento no anno economico de 1861 — 1862; ficaram eleitos os srs. Francisco Thomé Marques Gomes, provedor; Serafim Antonio de Castro, escrivão, e mesarios de maior condição os srs. João Bernardo Ribeiro de Carvalho e Brito, José Ferreira Lucena, Francisco Alvares d'Almeida, José Antonio de Rezende, José Maria Ribeiro. — Mezarios de menor condição os srs. Joaquim de Souza Marques, Lourenço da Trindade Salgueiro, Antonio Marques d'Almeida, Domingos Fernandes Mourão e Victorino Simões Instrumento.

Fontes. — Lembramos á camara municipal a necessidade de mandar reparar as fontes do sr. das Barrocas e Sá que estão no mais miseravel estado. Da primeira tem chegado o vandalismo a roubar o capeamento de pedra, e da segunda dizem-nos que é quasi impossivel tirar agua della, e que uma e outra estão convertidas em charcos immundos.

Destacamento. — Chegou antehontem a esta cidade um destacamento do batalhão de caçadores n.º 9, commandado pelo sr. capitão Elydio Marinho Falcão e subalerno o sr. tenente Videira, que veio render o d'infanteria n.º 18, commandado pelo sr. capitão Zagallo.

O comportamento do destacamento durante o tempo que esteve nesta cidade foi excellente. O sr. Zagallo é já aqui bastante conhecido e é digno de toda a consideração.

Ainda o cometa. — Continua a ser visto mais na direcção do Norte. A atmospheria um pouco peizada não o tem deixado ver com o brilho com que se nos apresentava nas noutes precedentes.

Segundo dizem os nossos collegas de Lisboa já lá andam os astrónomos a observar-o.

Viremos o resultado.

Um artista illustre. — Falleceu no Porto o sr. José Maria Ribas, insigne flautista, e que por muitos annos foi o primeiro flauta do theatro da Rainha, em Londres.

Emilia das Neves. — Sahio no ultimo paquete com direcção a Pariz esta nossa primeira actriz. Dedicou-se a estudar a arte, onde ella se acha elevada ao maior grau de perfeição, e a completar assim os excellentes dotes scenicos que recebeu da natureza.

Camillo Castello Branco. — E' grande a curiosidade publica em ver publicada a vida deste nosso primeiro romancista: é escripta pelo sr. Vieira de Castro, que segundo consta já fez a leitura de uma parte da sua obra na presença de alguns litteratos, e foi julgada preciosissima.

Preparativos. — No edificio da Bolsa no Porto já começaram os preparativos para a exposição industrial que deve ter lugar em agosto proximo futuro.

Lei da dezamortização. — No *Diario de Lisboa* de 2 do corrente vem novamente publicada a lei da dezamortização dos bens das corporações religiosas, e que nós no numero seguinte publicaremos.

Fallecimento. — No 1.º do corrente falleceu em Lisboa o sr. José Joaquim Pereira de Sousa. Ficou seu herdeiro e testamenteiro o sr. conselheiro Bartholomeu dos Martyres Dias e Souza, ao qual deixou uma fortuna de muitos centos de contos de réis porque o fallecido era o maior proprietario daquella cidade em predios urbanas.

Dissolução. — Consta-nos que em resultado do procedimento do governo, a Municipalidade de Coimbra resolvera pedir a sua dissolução, sob proposta do seu presidente o sr. Dr. Raymundo Venancio Rodrigues; e encarregara a este sr. de ridegir a representação neste sentido.

(*Conimbricense.*)

Horrible incendio. — O paquete vindo hontem de Inglaterra, diz o «*Commercio*» trouxe noticia de um lamentoso e grande desastre, que teve lugar em Londres, nos armazens de fazendas que ha perto da ponte de Londres. Foi um horrible incendio como não ha memoria desde 1666, anno em que uma parte da capital de Inglaterra foi presa das chammas. No grande desastre d'aquella epocha arderam 30 mil casas.

O incendio de que o paquete nos traz agora noticia, manifestou-se no dia 22 de Junho pelas 4 horas e meia da tarde e no dia 26 ainda não estava completamente extinto, lavrando ainda entre as ruinas que produzia.

Além da perda de algumas vidas, entre as

quaes se conta de mr. Braidwood, inspector dos incendios, os prejuizos em fazendas sobem a uma cifra espantosa, e são muitos os edificios destruidos.

Calculam-se as perdas no valor de libras sterlingas 2.500.000 a 3 milhoes, isto é, em 11:250 a 13:500 contos.

Pelas fazendas que se diz estavam nos armazens incendiados e dos quaes nada se pudera salvar, se avaliari a extensão dos prejuizos. A enorme quantidade de fazendas que estava armazenada era a seguinte:

Assucar 878 tonelladas — Café 420 ditas — Arroz 4478 ditas — Pimenta 241 ditas — Gengibre 757 caixas, 162 saccos e 30 barricas — Sagú 785 tonelladas — Cochonilha 480 saccos — Laca 1938 volumes — Salitre 484 tonelladas — Canhamo da India 1150 tonelladas — Dito do Baltico 1202 tonelladas — Algodão da India 17764 saccos — Gomas 763 volumes — Azeite de Oliveira 428 pipas — Cebo 8800 barricas!

Além destes generos ardeu muito chá, seda, couros e diversas outra mercadorias.

Quasi todos os generos estavam seguros. As companhias seguradoras de Londres principalmente affectadas por este horrible incendio são 7, a saber: — as companhias Sun, Phoenix Royal-exchange, County, Imperial, Alliance e Globe. das companhias de fora de Londres ha tambem duas principalmente, aonde estiverem seguras algumas fazendas destruidas, e são Norwich, Union, e a Liverpool and London.

CORRESPONDENCIAS

ESTRADA D'AVEIRO A VIZEU.

Infandum, regina, jubes renovare dolorem.
VERG. ENEID. L. 2. V. 3.

Sr. redactor.

Estavamos contemplando as bellezas e vantagens economicas e commerciaes da estrada de Aveiro a Vizeu por Albergaria, Pessegueiro e Oliveira de Frades, quando nos vem ferir o ouvido uma voz, que nos diz: «a estrada de Aveiro a Vizeu deve seguir por Lamas, Mouta, ou Adosferreiros e Talhadas, porque a ponte de Lamas supre a que era mister fazer-se em Carvoeiro; é mais curta, mais apta para o commercio, viandantes, tropa e trem militar; e porque se aproxima d'Agueda, villa notavel pelos certumes da guerra da Peninsula, carretas e canhões do general Povoas, tretas e manhas de Trant, e aventuras que servem d'oprobrio aos manes de Napoleão.»

Esta voz era o entono do sr. Veiga, que outra vez traz a lume, no *Campeão das Provincias* n.º 925, a questão da directriz da estrada de Aveiro a Vizeu. Embora o sr. Veiga, como a aguia altaneira, não saiba pairar, senão na coroa das montanhas da sua patria; embora encapotado com o manto da razão e da justiça se estorça em convulsões, para dar novo rumo á estrada de Aveiro a Vizeu; a razão e a justiça desaffontadas não a podem deslocar das margens do Vouga.

Por quanto o traçado, que estavamos contemplando tem a vantagem de seguir sempre as villas e terras mais ricas, amenas, e povoadas, que é dado encontrar á quem da serra do Caramulo; de dispensar outra estrada, quando se verificar a canalisação do Vouga; d'aproveitar a ponte de Pessegueiro, e a via fluvial, que d'aqui se dirige a Ovar, Aveiro, Vist'Alegre e Agueda; de tocar os importantissimos estabelecimentos das minas do Braçal e Palhal; e de se aproximar de Oliveira d'Azemeis e Porto, para onde convergem as nossas relações commerciaes, assim como as da Beira-Alta e Traz-os-Montes.

Para onde será, se não é para Aveiro, Oliveira d'Azemeis e Porto, que exportamos a nossa laranja, castanha, cortiça lenha, madeira, cereaes e vinho?! E se não é de lá, donde será, que importamos quanto queremos, e precisamos?! E que outra coisa podemos nós dizer da Beira-Alta e Traz-os-Montes?!

De Bésteiros, porém, de nossos irmãos além do Caramulo, já não é licito fallar assim. Na presença da empinada montanha, que os separa de nós, e da barra da Figueira, que poderosamente atrahê a sua attenção; é intuitivamente claro, que as suas tendencias e ligações commerciaes se circumscrevem inteiramente a Coimbra, Montemor e Figueira, por intermedio das estradas da Mucella, Foz-Dão, Bussaco, e navegação do Mondego.

E' verdade, que os vinhos das margens do Dão e Mondego tem suprido, até ao Porto, a falta da producção do vinhedos da Bairrada, Agueda e margens do Vouga, occasionada pelo oídium.

Mas por onde terá melhor cabimento a conducção de taes vinhos para o norte do reino, a não ser os do nascente de Bésteiros por S. Pedro do Sul, e Oliveira de Frades, e os do poente do mesmo tracto de terra pela estrada do Bussaco?!

E se os centros de commercio, e focos de consumo mais poderosos que temos são Oliveira d'Azemeis e Porto; é forçoso confessar, que quanto mais a estrada de Aveiro a Vizeu se avizinha de estes pontos, tanto mais corresponderá ao seu fim. E se de preferencia a qualquer outra é adaptada ao commercio, por que o não será igualmente ao transitio dos passageiros, tropa, bagagens e artilheria?! Ou estará porventura Agueda mais affeita que Oliveira d'Azemeis, e o Porto, ao rebombo do tambor, ao sibilar das ballas, ao rodar das carretas, e ao estrepito da artilheria, ao pavor da guerra, á desolação e á morte?!

Não é em Vouzella, como erradamente se diz, mas em S. Pedro do Sul, que esta estrada se divide para Vizeu e Lamego; e por isso quem transitar de Lamego ou Tras-os-Montes para Co-

imbra, Lisboa ou Figueira achará viagem mais curta, não por Agueda, mas por Vizeu, Tondella e Bussaco, ou por Vizeu e Foz-Dão.

Nem se diga que em parte nenhuma se pode tirar da estrada marginal ao Vouga um ramal para Agueda, porque será elle facilissimo e breve, sahindo dos confins de Ribeiradio ao poente, por Cedrim, Soutello, Doninhas, Senhora da Graça, ao poente das Talhadas e Adosferreiros.

Nem mesmo se objecte com a contingencia da ponte de madeira, sobre o Vouga no sitio de Angeja, pois que está ella de modo construida, e costados os seus reparos, que tem resistido, e promete resistir ás mais soberbas cheias.

Isto posto, é facil de ver, e de ser comprehendido pelas intelligencias ás mais vulgares, que o traçado do sr. Veiga é a todos os respeitos inconvenientissimo. Não será elle pois mais longo pelas grandes curvas, que descreva? Não demandará uma ponte de grande custo sobre o rio Sertima e Agueda, no sitio da Rata? Não vai sempre por sitios ermos e desabridos, onde o ousado malandro pode affeito explorar a bolsa e a vida do incauto viajante? Não contraria diametralmente as tendencias commerciaes dos habitantes deste valle de Lafões, da Beira-alta e Traz-os-Montes, e não difficulta consideravelmente o seu transitio para Aveiro, Oliveira d'Azemeis e Porto? Não deixa desaproveitadas cerca de tres leguas d'estrada, já feitas até Albergaria? E não será portanto mais dispendiozo?

Enfim por mais tractos, que o sr. Veiga dê á imaginação, pode ter a certeza, de que de modo nenhum sahirá triumphante d'uma questão, em que inconsideradamente se enredou, como Dedalo no labyrintho de Creta.

Nem mesmo nessa commissão, que invoca, quando tivera lugar, acharia salvaterio. O melhor pois, e o mais decente, será trocar a pelle do leão pela de manso cordeiro, e vir a campo amigo fraternizar comosco, contentando-se com o ramal, que satisfaz ao amor da sua patria, e a quanto se pode dezejar.

Digne-se v. sr. redactor do *Districto de Aveiro* transcrever no seu interessante jornal, este mal elaborado artigo, pelo que lhe ficarão muito obrigados os de v. muito respeitadores e attentos veneradores

Alexandre Soares Gomes.

Joaquim Sares Gomes Feijão.

João Coelho Pssoa.

Ribeiradio 3 de julho de 1861.

N. B. Damos a mesma resposta ao artigo do sr. Joaquim Fernandes dos Sanctos Tavares, que depois desta escripta lemos no *Campeão das Provincias* n.º 930.

ESCANDALO E DEZACATO.

Sr. redactor.

No dia 26 de junho findo commetteu-se no logar de Serem, freguezia de Macinhata, concelho d'Agueda um crime dos mais escandalosos de que ha tempos temos noticia, e para o qual reclamamos com todas as nossas forças a attenção das autoridades.

No logar de Serem existe, ou melhor, existia mui bem conservada a igreja do extincto convento de Santo Antonio. — Os povos daquelle logar, e dos logares visinhos veneravam aquelle templo e alli concorriam aos officios Divinos. — Alli se disia quasi todos os dias missa, tem havido por varias veses capellães pagos pelo povo, e alli se costumava fazer todos os annos uma festa ao grande taumaturgo portuguez; e não só concorriam a esses officios os povos sobreditos, mas ainda os d'algumas freguezias proximas.

Estava aquelle templo conservado e sob o cuidado d'aquelles povos, com a esperança de poder vir a ser matriz d'uma nova freguezia, que é de toda a utilidade ser alli erigida; tinham já representado aos poderes publicos nesse sentido, quando parece que por espirito maligno, ou por opposição maldoza brotou nas cabeças do reverendo parochio e coadjutor da freguezia de Macinhata um pensamento negro, escandaloso, destruidor, sacrilego e vandalico.

Apenas os povos d'aquelles logares tiveram uma leve suspeita de que se attentava contra a integridade d'aquelle templo e de que lhes queriam roubar os sagrados penhores das suas devoções, começaram a reclamar dos poderes publicos as necessarias providencias para oppor uma barreira ao mal que julgavam eminente. Uma representação neste sentido foi entregue no governo civil d'Aveiro e dirigida a sua magestade; outra dirigida ao nosso augusto soberano foi ultimamente entregue no ministerio da Justiça. Da primeira ainda não houve resultado, nem sabemos qual o destino que teve; da segunda esperamos a decisão.

O pensamento que á mente esclarecida do prior e cura de Macinhata occorreu, foi nem mais nem menos que o de arrancarem os altares e tirarem as imagens da igreja do extincto convento de Serem e levarem-nas para a renovada e elegante igreja de Macinhata. E' de advertir que a igreja de Serem não foi vendida juntamente com o convento, e ficou por conseguinte incorporada nos proprios nacionaes, e que por isso só ao governo ou ás camaras legislativas compete o regular o seu destino.

A ideia porem parecia amortecida, e julgava-se que em vista das representações alludidas ninguem ousasse tocar naquelles objectos sagrados.

Havia-se feito a festa a Santo Antonio no dia 23 de junho passado e o reverendo pregador tinha aproveitado o ensejo para pedir ao Altissimo afastasse de sobre aquelle templo a calamida-

de que o ameaçava. Parece que o espirito maligno tripudiou dentro d'aquelles reverendos sacerdotes ao ouvir aquellas palavras; e tres dias depois o desacato consumava-se!

No dia 26 já citado pelas 8 horas da manhã um grupo de homens da freguezia de Macinhata, capitaneados pelos reverendos prior e cura dirigiram-se por um caminho escuso á igreja de Serem, provavelmente para não serem vistos dos povos de Serem, nem da Gandra. Chegados á igreja, onde poucos momentos antes se tinha celebrado missa, achando a porta fechada subiram por escadas á janella do côro, abriram-na, entraram dentro da egreja, destrancaram a porta, e logo toda a turba penetrou dentro. Dirigiram-se aos altares, ainda armados do dia da festa, e começaram a obra da destruição. Uns com machados, outros com serras, alguns com martellos etc. se dirigem a cumprir o mandato dos reverendos vândalos. Apeiam as imagens, envolvem-as nas toallas dos altares, attam-as com vergas pelos pescoços e pernas, e collocam-nas *devotamente* dentro de canastras, as quaes são com toda a reverencia levadas á cabeça de mulheres para Macinhata. Despem os altares das suas armações, lançam-nas para um canto, e logo começam o martello, e o machado a trabalhar. Arrancam tres altares, e os carregam parte em carros, e parte ás costas de homens para Macinhata, vendo-se até ás costas d'um delles uma pedra d'Ara. Juntamente com os castiçais, vasos, jarras e imagens pertencentes á igreja levaram tambem a imagem da Senhora da Conceição pertencente ao ex.^{mo} sr. José Henriques Ferreira, e algumas jarras que os devotos tinham comprado para a festividade. E até — oh miseria! — até quebraram uma pia d'agua benta, que estava á sahida da porta lateral da capella mor para a sacristia! Parece que o espirito diabolico receava aquella agua innocente, mas com que os fiesos o afugentam!

No meio desta scena ouvia-se a voz auctorisada do muito revd.^o padre cura commandando aquelle bando, e dizendo em ar de zombaria — rapazes não se vos sequem os braços, — tomad cuidado não caia o tecto da egreja sobre vós — vêde lá não vos venha algum raio do ceo! . . . desafiando assim o poder de Deos, e incitando aquella gente a terem pouco respeito a tudo que he Divino!

O facto ali fica exarado tal qual succedeu. A sua gravidade dispensa os nossos commentarios. Toda a vez que se despresam as crencas do povo, que se atacam as cousas sagradas, e que se dilapida aquillo que deve ser guardado e respeitado, nós não sabemos senão bradar aos poderes publicos: rigor, castigo, e sobre tudo justiça. Oxalá que as nossas vozes sejam ouvidas, e que a moral e a religião sejam desafrentadas.

Albergaria Velha 1 de julho de 1861.

EXTERIOR

Brazil.

Na camara dos senadores achava-se em discussão ultimamente um projecto de lei prohibindo a venda d'esclavos com pregão e exposição publica, e prohibindo igualmente nas vendas a separação dos conjuges e de seus filhos.

O vapor, *Princesa Joiville*, da companhia brasileira de paquetes a vapor perdeu-se totalmente ao sair do porto do Rio Grande do Sul. Felizmente todos escaparam, porque o commendantante poude a tempo encalhar o navio, que tinha soffrido um grande rombo.

Uma companhia ingleza apresenta-se para fazer um caminho de ferro para as lavras diamantinas do Paraguassú, sem subvencão do estado. Esta estrada deve atravessar todo o sertão que foi ultimamente assolado por a sécca. Ha estudos profundos a este respeito, e a companhia calcula seguros lucros sem o auxilio dos cofres publicos.

Informam-nos que a questão com o sr. barão de Moreira continuava a apresentar muitas miserias e escandalos, e que este senhor se tinha mudado para a rua da Mizericordia, ficando assim proximo do seu adversario Barbosa, que está ainda detido na correccão.

Falleceu na Bahia a actriz Ludovina da Cunha Moutinho com 16 annos d'idade, que era casada com A. S. Moutinho — actor portuense.

Segundo informações estatísticas vê-se que a emigração para a capital tem diminuido sensivelmente; não obstante os trabalhadores abundam, e principalmente os caixeiros, muitos dos quaes se acham desempregados por causa de se fecharem muitos estabelecimentos, avultando os de retalho.

Em S. Luiz do Maranhão o rigor do inverno causou muitas doenças, que vão dizimando a população. Em Macuhyba, no Rio Grande do Norte, grassavam as bexigas, não respeitando creanças ou adultos. Em Mangaratiba, Angra e Paraty continuavam os typhos, anginas e outras molestias.

Um dos mais notaveis e significativos incidentes teve lugar em Turin no dia 21 do mez passado. Foi a entrega da representação do povo de Roma ao rei Victor Manoel por o principe Silvestrelli, o duque Sforza, e o conde Lorentini — todos 3 a flor da nobresa romana. A representação tinha mais de 10:000 assignaturas. Victor Manoel respondeu que intendia todo o fervor da sua petição, porque não podia comprehender-se Italia sem Veneza, e sem Roma sua capital natural. — Disse que esperava que a questão de Roma em breve seria resolvida, e que contava com a provada fidelidade e concurso de toda a nação italiana, para a lucta provavel a respeito de Veneza. Fallou depois acerca do conde Cavour, e

prestando homenagem de reconhecimento e lucto á memoria do finado, reivindicou com tudo para si a gloria de ter contribuido para a união italiana, muito antes que Cavour inectasse a sua carreira d'homem d'estado.

Está confirmada a noticia do rompimento entre a Hespanha e Marrocos, visto que esta potencia faltou ao tratado, e portanto a praça irá ser occupada por tropas hespanholas, e fortificada como Ceuta. Diz-se que a Inglaterra e França offereceram a sua mediação, e obtiveram em resposta que a Hespanha não podia aceitar a mediação de potencia alguma na sua questão com o imperio marroquino!

O ministro dos negocios estrangeiros de França — Mr. de Thouvenel respondeu com data de 6 de junho á nota que ao gabinete francez tinha sido dirigida por o gabinete de Madrid, convidando o a resolver os negocios de Roma, d'accordo com as potencias catholicas, *exclusivamente*. — Mr. Thouvenel recusa adherir á proposta, porque os estados pontificios e a cidade de Roma não são bens de mão morta, em que tenham dominio exclusivo os catholicos. Mostrando o seu affecto por a Santa Sé, continúa dizendo que julga necessaria a conservação do throno pontificio, mas que a sua solidez depende da sua moderação, e do apoio consentimento popular. Que a França lá tem o seu exercito para manter a dignidade do pontifice, que já lhe deve a conservação do que lhe resta. Vê-se finalmente como Mr. Thouvenel nota que a Hespanha não indica o modo de resolver a questão, nem os pontos em que está d'accordo ou em opposição com a politica franceza.

Diz mais o ministro de Napoleão que para elle só ha uma questão séria na Italia — é a de Roma. A França só tem considerado os negocios do papa, como obstaculo ao reconhecimento do reino d'Italia, e depois como que pergunta a si proprio — se a Hespanha virá collocar-se no mesmo terreno politico, visto que não está no caso da França.

Diz-se que a imperatriz d'Austria está outra vez peor da laringe, por isso foi para Luxemburgo, mas como obtivesse alli poucas melhoras, os medicos aconselharam que mudasse de clima. Crê-se que vai para Corfu em companhia d'um dos seus filhos.

A Prussia dirigiu uma nota ao governo de Hesse Cassel instando pelo restabelecimento da constituição de 1831.

Em Allemanha festejaram o anniversario da batalha de Waterloo; e os francezes respondem a quem lhes falla n'isso, que festejem tambem as batalhas que perderam, porque em França não ha vagar para isso.

Carta do irmão do conde de Cavour ao redactor das Naclolidades de Turin.

Turin 28 de junho.
Sr. redactor. — O artigo da *Gazeta de França*, que me enviastes, contem graves inexactidões sobre as circumstancias que acompanharam os actos religiosos aos quaes o meu muito amado irmão quiz consagrar o derradeiro dia da sua vida.

E' absolutamente falso que elle fizesse ou que se lhe exigisse uma retratação formal em presença de duas testemunhas.

Tambem é falso que se pedisse para Roma, pelo telegrapho, uma derradeira absolvição do soberano pontifice para elle.

E' ainda falso que o nosso cura, que lhe assistiu com dedicacão, fosse depois para Roma.

Este digno ecclesiastico, ao qual meu irmão tributava muita estima e sympathia, não deixou Turin depois do fatal dia 6 de junho, e celebrará amanhã na sua igreja parochial um officio solemne em memoria do seu antigo parochiano.

Acceite, sr., a expressão dos meus sentimentos de perfeita consideração.

G. de Cavour.

TELEGRAMMAS

O movimento republicano de Granada foi suffocado. Os insurgentes estão cercados pelas forças governamentais.

Entrou o vapor *D. Antonia*, dos portos d'Africa, com 23 dias de viagem.

As noticias são satisfactorias. A epidemia em Mossamedes está extincta. As forças portuguezas bateram os gentios em Humba. A plantação do algodão tem-se augmentado. O commercio desenvolve-se com o Sertão.

Paris 26 — Hoje publicou o sr. Mirés um volumoso folheto dirigido aos seus juizes.

Está-se organisando, com destino á Cochinchina, um corpo de 2:000 homens de artilharia e infantaria de marinha.

As noticias de Saigon são satisfactorias e alcançam até 14 de maio.

Assegura-se que o novo sultão disse aos seus ministros que quer paz no exterior e ordem e economia no interior.

Paris 27 — Acaba de chegar a esta capital o sr. Lafuente, ministro do Mexico em Paris ao qual se suppe encarregado de negociar com a Hespanha.

Marselha 28. — O novo sultão da Turquia Abdul-Azis deu uma proclamação liberalissima prometendo numerosas reformas em todos os sentidos.

Vienna 28 — O imperador da Austria recebeu uma mensagem enviada pela dicta de Pesth. Reina grande agitacão.

Paris 28. — O exercito aliado da Cochinchina renunciou a emprehender as operações militares sobre Hué.

Paris 27. — O novo sultão da Turquia está

intimamente ligado com o governo da Gram-Bertanha, o qual exercia sobre elle e continúa a exercer, segundo todas as probabilidades, uma grande influencia.

D'este triumpho da politica ingleza na Turquia teme-se que resultem complicacões.

Roma 27. — O estado de saude do Santo Padre deu occasião a que principiem a pôr-se já em jogo influencias para a designação do successor na thiara.

A politica estrangeira e os diversos partidos romanos trabalham incessantemente junto dos cardeaes que hão-de tomar parte na eleição.

COMMERCIO

Mercado d'Aveiro, em 4 de julho de 1861.

Trigo por alqueire	750
Milho da terra	360
Dito no norte	320 a 340
Feijão branco	460
Dito larangeiro	480
Dito amarello	400
Dito encarnado	360
Dito frade branco	280
Cevada	260
Batata	180
Azeite almude	4000
Sal moio de razas	3500

MERCADO DO PORTO.

JULHO 2.	
Trigo da terra . alqueire	1\$000
» serodio	920
» barbella	820
Farinha	520
Centeio	470
Milho bom	460
» ordinario	440
Grão de bico	750
Feijão branco	580
» vermelho	530
» amarello	510
» rajado	540
» fradinho	530
Painço	380
Cevada	380
Batata velha . . arroba	220
Azeite almude	5\$800

MOVIMENTO DA BARRA

Aveiro 1 de julho.

ENTRADAS.
VILLA DO CONDE. — Cahique portuguez *Bom Fim e Almas*, mestre Joze Ignacio dos Santos, lastro, 4 pessoas de tripolação

EM 3.
PORTO. — Rasca portugueza *Carolina*, mestre Antonio Simões Amaro, ferro 8 pessoas de tripolação.

SAHIDAS EM 2:
PORTO. — Rasca portugueza *Flor d'Aveiro*, mestre Antonio José Diniz, 11 pessoas de tripolação, sal ao mesmo mestre.

ALICANTE. — Rasca portugueza *Victoria*, mestre Leonardo da Silva, 12 pessoas de tripolação, madeira.

PORTO. — Hiate portuguez *Nova União*, mestre Joze da Rocha, 8 pessoas de tripolação, sal ao mesmo mestre.

IDEM. — Hiate portuguez *Novo Atravido*, mestre Manoel Marques, 5 pessoas de tripolação, sal ao mesmo mestre.

IDEM. — Hiate portuguez *Neptuno*, mestre Joaquim Domingos, 6 pessoas de tripolação, sal ao mesmo mestre.

IDEM. — Hiate portuguez *Dois Irmãos 1.º*, mestre Manoel Antonio Gomes Netto, lastro, 6 pessoas de tripolação, sal ao mesmo mestre.

SAHIDAS EM 3
PORTO. — Hiate portuguez *Nova União*, mestre João Fernandes Mano, 6 pessas de tripolação, sal ao mesmo mestre.

IDEM. — Hiate portuguez *Fenix*, mestre João Nunes, 8 pessoas de tripolação, sal ao mesmo mestre.

VILLA DO CONDE. — Hiate portuguez *Conceição Feliz*, mestre Fernando d'Oliveira, 7 pessoas de tripolação, sal ao mesmo mestre.

MATOSINHOS. — Hiate portuguez *Senhora das Neves*, mestre Antonio Bernardino, 4 pessoas de tripolação, sal ao mesmo mestre.

PORTO. — Rasca portugueza *Senhora do Pilar*, mestre Silvestre da Silva Marques, 11 pessoas de tripolação, pedra de cal.

VILLA DO CONDE. — Cahique portuguez *Bom Fim e Almas*, mestre Joze Ignacio dos Santos, 4 pessoas de tripolação, sal ao mesmo mestre.

PORTO. — Cahique portuguez *Perola do Vouga*, mestre Miguel Vicente, 7 pessoas de tripolação, sal ao mesmo mestre.

Movimento marítimo da barra do Porto com relação á d'Aveiro.

SAHIDAS EM 28.
HIATE *Feliz Pensamento*, mestre Souza, lastro, EM 29.

CAHIQUE *Nagre*, mestre Silva, lastro, EM 30

HIATE *Maria Lopes*, mestre Cruz, ferro.

RASCA *Conceição d'Aveiro*, mestre Mattos, ferro.

RASCA *Correio d'Aveiro*, mestre Simões, ferro.

IDEM EM 2 DE JULHO
RASCA *Carolina*, mestre Amaro, ferro.

ANNUNCIOS E PUBLICAÇÕES DIVERSAS.

PENSAMENTOS SOBRE O CHRISTIANISMO

PROVAS DA SUA VERDADE

CONFISSÕES D'UM PHILOSOPHO CHRISTÃO

POR JOSÉ DROZ.

Obra adoptada pelo real conselho de instruccão publica para uso de todas as escolas e seminarios francezes, por decisão de 9 de janeiro de 1844.

TRADUCÇÃO ANNOTADA

POR A. D. PINHEIRO E SILVA.

PRECEDIDA DE UM PREFACIO

POR CAMILLO CASTELLO BRANCO.

E augmentada com uma collecção de cartas que diversos prelados francezes dirigiram ao auctor sobre o merito desta obra.

Publicou-se e acha-se á venda em todas as principaes livrarias do paiz; — e nesta cidade na rua dos Mercadores n.º 13. — Preço 480 rs.

Alfandega d'Aveiro.

Perante a alfandega desta cidade, se hade arrematar no dia 8 do corrente pelas 10 horas da manhã, o seguinte:

Tres vigas de faia;

Desoito vigas de pinho nacional;

Alfandega D'aveiro 2 de Junho de 1861

Francisco Flório da Cunha Toscano

1

No dia 8 do corrente mez de julho, pelas 10 horas da manhã, perante a alfandega desta cidade, se hão de arrematar, por conta de quem pertencer, — 6 pipas com vinho proprio para vinagre, pertencentes aos salvados da carga do hiate *Sociedade do Mondego*, naufragado na praia da Vagueira nos principios de dezembro do anno proximo passado.

2

LUZ MINERAL

Acha-se á venda na Praça, casas amarellas, gaz proprio para as lampadas de luz mineral. 5

Pelo cartorio do estrivão Moraes, e a requerimento de Francisco Marques da Costa, do lugar de Sarrazolla, correm editos de 30 dias para citação do seu Manoel Pereira da Silva, do mesmo lugar, a fim de fallar a uma acção por divida que lhe move o mencionado Costa devendo a citação ser accusada na segunda audiencia posterior ao dito prazo, que teve principio no dia 28 de Junho ultimo. (4)

Vendem-se no escriptorio de Pe-Vreira & Filho, rua dos Mercadores n.º 9 pezos do novo systema em series de 20 kilogramas até $\frac{1}{2}$ hectogramas a 3\$200 rs. cada serie. 5

Perdeu-se no domingo um botão d'ouro, de peito de camisa, desde o campo de Santo Antonio até á praça do Peixe: — quem o achasse e o queira restituir, na administração deste jornal se lhe dirá a quem pertence. (6)

VINHO DO PORTO, de Carcavellos, e da Madeira; generbra ingleza, e licores, vendem-se na loja de José Pereira Basto, debaixo dos Arcos. 7

ALBUNS DE DESENHOS

para bordados de crochê, crivo e ponto de nó. Sahio o 3.º numero desta importante publicação. Assigna-se na rua dos Mercadores n.º 13, onde tambem se vendem numeros avulsos.

Preço da assignatura: — Por anno, 12 numeros, 1\$920 rs. — Avulso 240 rs. 8

Para Lisboa.

A sahir com brevidade o Hiate *Pro-rector* capitão Luiz Pereira da Silva: — Consignatorios Pereira e Filho. (9)

Para Lisboa.

A sahir com brevidade a Rasca *Assumpção* mestre Manoel Christovão Valverde: — Consignatorios Pereira e Filho. (10)

RESPONSÁVEL — Manoel Cypriano da Silveira Pimentel.

Typographia do Districto d'Aveiro.